

Renascimentos de grifes à italiana



Após a passagem de 'Succederà Questa Notte', de Nanni Moretti, Veneza expande sua investigação de novos veios autorais de sua nação ao conferir 'L'estranea', de Paolo Strippoli, nesta terça

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Existe uma forte chance de o Brasil trazer o Leão de Ouro para cá este ano, mas terá de dividir seu troféu com a Itália, pois "Retorno a Buenos Aires" — uma investigação sobre as chagas das ditaduras sul-americanas — é uma coprodução com a pátria de Fellini, dirigida por um chileno, Marco Bechis, que tem ascendência italiana lá na Terra da Bota, onde o neorealismo nos deu "Ladrões de Bicicleta" (1948) e "Roma, Cidade Aberta" (1945).

Mesmo com parte de seu DNA sendo brasileiro, o longa-metragem integra um grupo de cinco expressões autorais de peso que representam a tradição italiana entre os 21 concorrentes do Festival de Veneza. Concorrem com Bechis os diretores Paolo Strippoli, Edoardo De Angelis, Andrea Pallaoro e um titã: Nanni Moretti.

Ganhador da Palma de Ouro de 2001 por "O Quarto do Filho", esse bamba das comédias políticas (e do melodrama também) ficou 45 anos longe da competição do Lido — o centro nervoso dessa maratona cinéfila — depois de ser laureado com o Prêmio Especial do Júri por "Sogni d'Oro", em 1981 (em empate com "Eles Não Usam Black-tie", do carioca Leon Hirschman). Afastou-se por quiproquós políticos com a direção da La Biennale di Venezia, decorrentes de maus tratos a seu "Palombella Rossa" (1989), e fechou parceria estreita com Cannes, que, nos últimos anos, parou de dar bola (e estatuetas) para seu cinema corrosivo, mas popular.

"Succederà Questa Notte", com Louis Garrel e Jasmine Trinca, passou no domingo, marcando sua volta às gôndolas, numa comprovação de que a velha centelha autoral de sua pátria, maior rival de Hollywood na História, ainda provoca incêndios.

Nesse novo trabalho de Moretti, com as tintas agridoces habituais, quatro inquilinos moram no mesmo prédio, em uma cidade israelen-



'Succederà Questa Notte' conta com Jasmine Trinca e Louis Garrel no elenco



A hollywoodiana Valeria Golino integra o elenco de 'Nessun Dolore'



Paula Cohen é uma das estrelas brasileiras em 'Retorno a Buenos Aires', de Marco Bechis, em disputa em Veneza

se. Cada um se depara com problemas pessoais e vagas emocionais. Suas vidas estão interligadas enquanto buscam realização, conexão e redenção. Já se fala numa láurea de Melhor Direção para o realizador e até no Grande Prêmio do Júri.

O que se fala mais, alto e forte, é que "Succederà Questa Notte" simboliza o que compatriotas dele chamam de Nuovo Risorgimento, um renascimento de veias estéticas. Um ressurgimento com uma força tão grande quanto a que se viu há 18 anos, quando "Gomorra", de Matteo Garrone, e "Il Divo", de Paolo Sorrentino, tiraram a indústria cine-

matográfica da Itália dos aparelhos de respiração que a mantiveram, a duras penas, por quase três décadas. Em tempos de derrocada daquele povo nas telonas, a ironia nannimoretiana de "O Crocodilo" (2006), "Aprile" (1998) e "Caro Diário" (1993) manteve a dignidade daquele audiovisual em alta.

"Muita coisa mudou no mundo, sobretudo a velocidade de consumo", disse Moretti ao Correio, em Cannes, ao iniciar "Succederà Questa Notte". "O sistema político já foi um sistema sólido, mas, neste momento, enfrentamos uma fase de desarticulação. Se pensarmos na

Itália, falta um leme na execução da nossa atividade. O streaming surgiu hoje com força e funciona muito bem no sistema produtivo das séries, mas, no campo dos filmes, o papel criativo do diretor não é o que foi. Fui formado por um tipo de narrativa pré-1968 em que cada filme refletia sobre a realidade e sobre o próprio cinema, com Ermanno Olmi, Marco Ferreri, os irmãos Taviani, o Free Cinema inglês e a Nouvelle Vague. Um cinema que nos fazia não sermos imparciais".

Com 50 anos de longas na carreira, a começar por "Eu Sou Autossuficiente" (1976), Moretti foi a

clareira que, pelas vias da ironia e da sátira política, manteve a grandeza do cinema italiano viva e festejada na década de 1980. Começou ali a Idade Média midiática em que Silvio Berlusconi (1936-2023), no comando político daquele país, sucateou a produção audiovisual local, a fim de valorizar mais a TV do que a telona. Uma terra de gigantes — Rossellini, De Sica, o já citado Fellini, Visconti, Antonioni, Pietro Germi, Pier Paolo Pasolini, Elio Petri, Lina Wertmüller, Valerio Zurlini —, próspera na seara dos filmes de gênero, seja no terror (com o giallo de Dario Argento), no